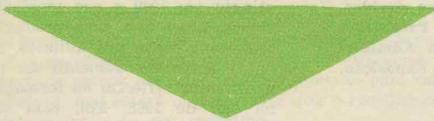


PORTUGAL PERDEU UM GRANDE ARTISTA



ALMADA NEGREIROS

MORREU NO MESMO HOSPITAL
ONDE FALECEU FERNANDO PESSOA

Quase profecia — diríamos. Como que a intuição que sempre acompanha os que vivem do espírito. É o caso que aqui há um mês, pouco mais, o nosso colaborador Teixeira Cabral mandou à Redacção, entre larga série de «bonecos», um de ALMADA NEGREIROS. Nada então fazia prever que Portugal iria perder já um dos seus mais altos expoentes da Arte. Intuição de artista, pois — ou lá como queiram chamar-lhe...

José Sobral de ALMADA NEGREIROS tinha 77 anos. Nascera em Lisboa a 7 de Abril de 1893, mas os primeiros anos passou-os em S. Tomé, onde o pai foi funcionário administrativo. Dali passou a Lisboa, onde fez os primeiros estudos no Colégio dos Jesuítas, em Campolide. Depois o Liceu em Coimbra; depois a Escola Nacional de Lisboa. Em 1911 já desenhava — bem. Datam de então as suas primeiras caricaturas, publicadas nas revistas «Rajada» e «Satyra». Logo no ano seguinte havia de impor-se como desenhador na 1.ª Exposição do Grupo de Humoristas Portugueses.

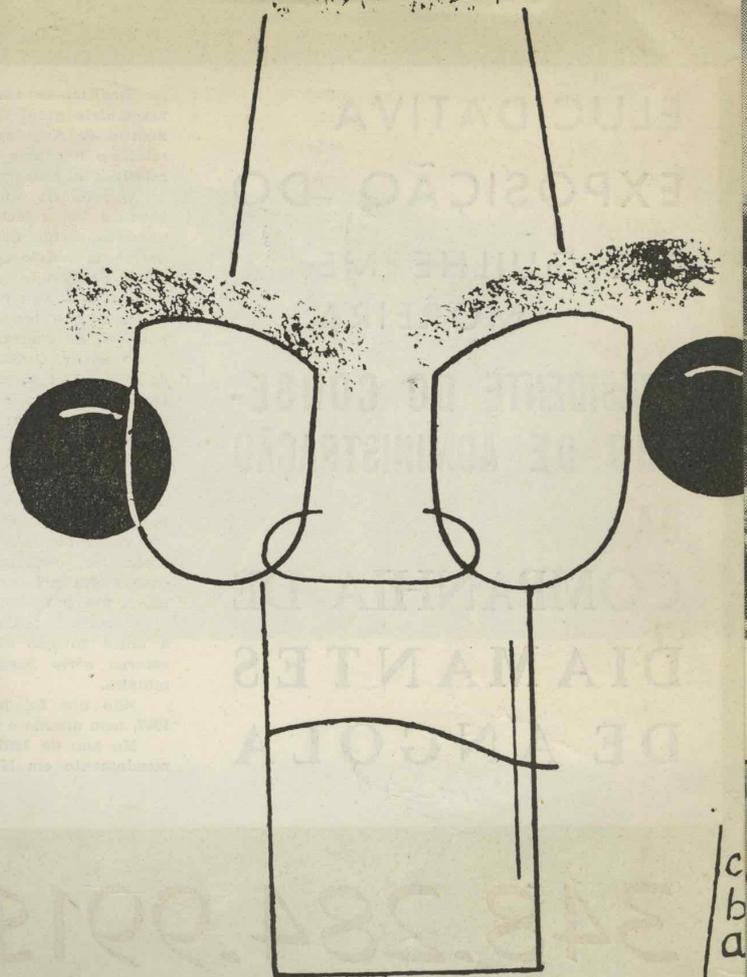
Ambicionava mais. A mocidade (os vinte anos irrequietos de todos os grandes artistas) abria-lhe o apetite das Letras — em que tão grande veio a ser também. Escreve um drama e uma tragédia: «23 — 2.º andar» e o «Moinho». Em 1913 ainda, expõe individualmente na Escola Internacional.

Dai em diante, foi um caminhar desembaraçado na Arte e na Literatura.

Faz amizade com Fernando Pessoa. Curioso que Almada faleceu no meio deste mês — a 15 precisamente — no mesmo Hospital de S. Luís onde faleceu Pessoa. O Poeta publica na revista «Águia» uma verdadeira consagração: «As caricaturas de Almada Negreiros», comentando com entusiasmo os dotes do jovem artista. Ainda em 13, Almada compõe o seu quadro «Sinfonia do Amarelo» considerado padrão da pintura abstracta portuguesa.

///

Desenhador, pintor, bailarino, vitralista, poeta, romancista, ensaísta, orador, crítico de Arte, dramaturgo e actor de cinema — eis ALMADA NEGREIROS, «uma das mais notáveis figuras da cultura portuguesa, e uma das que mais decisivamente contribuiu para a criação, prestígio



e triunfo de uma mentalidade moderna entre nós» — acentuou Jorge de Sena.

Com efeito, a sua actividade, a partir de 1910, foi extraordinária. Algumas datas e alguns títulos bastam para reconhecê-lo: 1916 — «Manifesto Anti-Dantas»; 1917 — Colaboração no número único de «Portugal Futurista» com o texto «Saltimbancos» que faz apreender a revista, e o poema «Mima-Fataxa»; 1917 — «Ultimatum futurista às gerações portuguesas do século XX» (lido no Teataro República, em 14 de Abril). E deve mencionar-se ainda a experiência levada a cabo no domínio do «balet», com Luís Reis Santos e Cotinelli Telmo, trio que actuou no São Carlos, em 1918, numa realização de Helena Castelo-Melhor. Emigra em 1919 para Paris, onde apenas pôde trabalhar como operário. Regressando a Portugal, retoma a actividade artística e, em 1921, é apresentado por António Ferro na Liga Nacional, onde pronunciou uma conferência que em seguida publicou com o título «A Invenção do Dia Claro». Em 1927, emigrou de novo, desta vez para Madrid, onde viveu até 1932, trabalhando como ilustrador de vários jornais.

De regresso a Portugal, nova conferência provoca celeuma: «Portugal, Direcção Única», na qual expõe as suas ideias sobre a unidade nacional. Esta será a sua última obra literária, conhecida. Colaborou, depois na «Exposição do Mundo Português» (1940), fez várias exposições e as suas possibilidades artísticas manifestaram-se exuberantemente nos vitrais de Fátima, em Lisboa, nos grandes frescos das gares marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos e tantas mais obras espa-lhadas pelo país.

///

Em 1963, já dobrados os 70 anos, ALMADA NEGREIROS escrevia num catálogo de outro artista (Hirosuke Watanuki): «Há anos que repito afinal a crença da minha infância: se não fôr por arte, não serei de outro modo».

Foi por Arte, não há dúvida. Realizou-se. Agora, não mais desenha, nem pinta, nem escreve, nem faz conferências. Agora, ALMADA NEGREIROS pertence à História da Arte Portuguesa.